S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 29 agosto de 1914 — ANNO XIII — N. 258

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO. . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegrafico: LANTERNA
Toda correspondencia ao director

Matai, matai muito!

São estas as ordens que receberam e que devem executar á risca os milhões de homens, os milhões de jovens soldados na primavera da vida que compõem os milhares de regimentos que rolam pelos campos do velho continente ou que sobre os mares enchem os bojos das maquinas de ferro formando a maruja das formidaveis esquadras das potencias em guerra.

Bellona e Marte imperam agora sobre o planeta!

A loucura guerreira vai pouco a pouco se apoderando de todas as almas: não se fala em outra coisa neste momento.

Ai daqueles que tentarem, agora, nos paises coflagrados, recusar seguir os que são mandados para os campos de batalha e que tentarem ainda despertar na consciencia destas massas em movimento, nessas multidões de homens em delirio de destruição e morte, o sentimento de humanidade, um lampejo de razão, um minuto de calma e de retomada de si mesmo diante dos grandes males, das irreparaveis desgraças que advirão da colossal hecatombe que jamais foi vista sobre a terra!

Assim é que já nos dão noticia de fuzilamentos como o de Liebknecht e de Rosa de Luxemburgo e de outros socialistas, na Alemanha.

Parece não estarem confirmadas estas lugubres noticias, porém não seria de estranhar que fossem verdadeiras, atendendo-se ao espirito de odio dos individuos que prepararam a catastrofe horrenda que enluta toda a humanidade presentemente.

Se bem que seja um facto a morte de Jaurès, a primeira vitima que tombou logo ao iniciar-se a guerra, recusamo-nos entretanto acreditar que a brutalidade humana possa ir a tais extremos de crueldade nos nossos dias, em pleno seculo XX.

Bem sabemos que para as nações que já puxaram das espadas e que se batem em terra ou sobre os mares deve ter desaparecido, neste momento, todo sentimento de paz; domina agora tão somente a féra que no homem está escondida e que na primeira ocasião lança-se á carnificina para no sangue das vitimas saciar-se á vontade.

Estas massas que se destroem sem nenhuma razão plausivel, sem saberem o *porque* das combinações da diplomacia, obedecendo tão somente a ordens que lhes são ditadas, não podem entretanto de um dia para o outro terem esquecido o que leram, ou que ouviram da boca daqueles que procuram mostrar-lhes onde estão os seus verdadeiros interesses.

E que boa ocasião, excepcionalmente favoravel, se apresenta para fazer-se obra duradoura!

Suponhamos toda esta massa de proletarios aamada até aos dentes entendendo-se e voltando as armas contra os seus opressores. Que bela obra não faria, que golpe certeiro no tronco da famosa arvore de que nos fala Faure na *Dor Universal*!

E então não mais guerras, não mais morticinios, não mais odios estupidos de povo para povo; a paz, a felicidade, a fraternidade, o amor, a justiça, a vida enfim como ela deve ser compreendida em toda a sua beleza, desembaraçada das fealdades que a tornam tão insuportavel, que fazem dela um tão pesado fardo para os que trabalham, para os que produzem.

Que passe o vendaval purificador, e que os que ficarem possam enfim respirar num ambiente mais puro do que este em que vivemos.

Se tal puder acontecer, o sangue que for derramado terá servido a alguma coisa pelo menos.

Rio, 24 — 8 — 914.

Adrecal.

Tambem o Papa Negro esticou o pernil

A Igreja perdeu numa mesma semana, e quasi no mesmo dia, os seus dois papas: Pio Xis e o geral dos jesuitas, o chamado Papa-Negro.

Segundo se afirma, é ele, o superior da Companhia de Jesus, o verdadeiro interprete dos dirigentes da Igreja.

O papa que tem a sua séde no Vaticano não passa, em ultima hipotese, de uma figura de exibição, cujos actos reflectem mais directamente a vontade dos chefes dos elementos clericais, que teem a sua representação publica no Papa Negro.

Era ele agora um frade alemão, que faleceu na semana passada.

O passamento de José Sarto, no meio faustoso do Vaticano, fez passar quasi despercebida a noticia da sua morte.

Entretanto, muito não se poderia dizer ao seu respeito, pois a sua vida, como as dos seus antecessores, esteve sempre abrigada sob o impenetravel misterio com que se desenvolve a actividade dessa tenebrosa Companhia de Jesus.

Da morte do Papa Negro dizemos o mesmo que dissemos sobre o falecimento Pio X: Imensa seria a nossa satisfação se outro não o substituisse imediatamente na funcção odiosa que lhe compete desenvolver na vida da humanidade.

De alegria, de indescritivel alegria será o dia em que se possa registar o desaparecimento do ultimo desses vampiros humanos.



VIOLENCIAS POLICIAIS

A policia, conhecendo a gravidade da situação do povo e sabendo bem que os capitalistas e governantes nada farão de positivo para a minorar, está certa de que, de um momento para outro, os sem trabalho, os famintos serão forçados a conseguir pelas suas proprias mãos o necessario para matar a fome.

E como está convencida disso e quer antecipadamente justificar as violencias que vai praticar, caso o povo se disponha a agir, anda a prender operarios a torto e direito sob o pretexto de distribuição de boletins revolucionarios.

No dia 19, no bairro do Braz, segundo nos informam, foi preso um operario que, apesar do seu milindroso estado de saude, esteve fechado 3 dias e durante 33 horas num frio xadrez sem receber alimento algum, dormindo no chão!

E viva a inquisição paulistana!

Um outro operario foi tambem preso no largo da Sé, na noite de 20 do corrente, sem que tenham sido preenchidas as formalidades legais da formação de culpa!

Denunciamos mais este crime á consciencia popular.

Não matarás...



Mas os instrumentos de destruição recebem a benção dos padres de todas as religiões.

DE PARIS

O CASO MADAME CAILLAUX

HARPIAS DE SALÕES

Declaração de Mme. Caillaux:

«Eu sofria profundamente com todos esses ataques e fui por eles tanto mais ulcerada que, desde a formação do ministerio Doumergue, eu via cada vez mais o vacuo em volta de mim e maneiras hostis nos salões que eu frequentava.»

Os grandes salões, pontos de reunião da alta burguesia, são, sob a mascara hipocrita da urbanidade, asilos de maldade, inveja e provocação. Ali é que se preparam, lenta mas seguramente, os actos tragicos que ceifam vidas humanas. Cada salão mundano é um laboratorio de crimes.

A «dama» que assassina o marido, o cavalheiro que faz fogo sobre a amante, as rivais que se matam umas ás outras, a injuriada que se vinga de *browning* em punho: outras tantas vitimas dos salões.

E' sobretudo para a mulher que a atmosfera dos salões é malsã e são sempre as mulheres que se encarregam de armar o braço d'«esta querida amiga», d'«esta querida senhora.»

Quando os homens se atacam entre si, fazem-no brutalmente. Mordem-se em presença de todos como buldogues, cobrem-se de injurias, rasgam o peitilho branco do gentil-homem para estadear a sua humanidade má. Se para um deles a querra toma ruim feição, resta-lhe a luva para atirar á face do adversario. A pantomina do duelo limpa a lama toda aos olhos do mundo, e, depois do recontro no campo da honra, está o caso fechado até outra vez.

As «madamas» teem mais fel e menos coragem. Nunca se abandonam a um combate aberto: operam á socapa e vibram golpes mais perigosos por serem dissimulados. As suas armas são as caretas, as palavras melifluas embrulhando alusões contundentes, os sorrisos furtivos, os segredinhos oportunos, os olhares insolentes, as compaixões mentirosas e humilhantes.

Madame X. tem desgraças conjugais, que ela ignora, mas das quais as suas «queridas amigas» estão ao corrente. Logo que Mme. X. entra num salão, ha um ruge-ruge de saias, um roçagar de sedas, um remoinho de cabeleiras que se curvam, uma suspeita de mofa no canto dos labios. Cumprimentam-na vozes com entonação zombeteira e adocicada. A conversação é interrompida. Algumas, quando ela se acerca, arranjam uma postura que ficaria bem num enterro de primeira classe. Um homem não compreenderia, mas Mme. X. adivinha. Contorce-se, sente-se mal, tem a impressão de que, de repente, se lhe rasgou o vestido bem no meio, andando olhares indiscretos a perscrutar-lhe a roupa branca. E a aventura repete-se, acentua-se. As alusões tornam-se mais directas, até que a esposa venha a saber tudo, — da boca da sua «grande amiga», se preciso for. Então, num impeto de revolta contra todos os atritos suportados, para não continuar a ser o alvo visado pelas flechas enfeitadas mas envenenadas dos salões, Mme. X. mata.

E' certo que Mme. Caillaux se viu nesse caso e que as «mundanas» frequentadoras dos salões politicos e sobretudo, sem duvida, do da presidencia a empurraram aos poucos para o assassinato. O *Figaro* é lido naquele meio. Cada ataque era ali comentado, saboreado como uma chavena de chá açucarado, e as «queridas amigas» eram as primeiras a aplaudir. Como o marido era ministro, ninguem ousava ataca-lo directamente, e quando ele passava, todos se inclinavam. Mas desforravam-se contra a mulher. A cobardia é a caracteristica desse meio corrupto. Tinham medo do ministro: mais uma razão para se encarniçarem contra a esposa, irresponsavel, mas mais fraca. Fez-se o vacuo em torno dela. Ela sentiu-se a empestada. Havia sorrisos maldosos, quando ela se aproximava. Circularam historias a seu respeito. Cataram-lhe a vida privada. Constrangida pela sua posição a mostrar-se, não pode escapar ás ferozes lambisgoias que ganharam gosto pelo seu desporto de algozes. Crivaram-na de alfinetadas, e ela teve que aceitar, sem pestanejar, os mais ofensivos subentendidos. Não tinha o direito de se encabritar, não tinha sequer o direito de se defender, pois só a atacavam com sorrisos e trejeitos. A crueldade desta guerra aumentava com o facto de se esquivarem os adversarios, que abriam chagas vivas protestando a mais viva simpatia. As recepções tomavam o caracter de torturas.

A paciente era dilacerada. Acertavam-lhe todos os tiros. Escorria sangue. Quanto mais ferida a viam, maior gosto tomavam pela diversão. Não precisavam de estar com reservas, pois a nenhuma represalia se expunham. Ha sempre necessidade de uma vitima para entreter as ociosas que não teem outra ocupação senão pavonearem-se e fazerem mal. A ministra foi nos salões como o touro na arena. Crivaram-na de bandarilhas, e um belo dia, com o coração chagado sob o seu vestido de dama, precipitou-se sobre quem desencadeava aquela tempestade de fel. Matou. E as «queridas madamas» clamaram contra a assassina.

Na realidade, foram as frequentadoras dos salões que lhe armaram a mão, são elas as principais responsaveis, elas que ontem se regalaram com o escandalo e que hoje, no tribunal, desejariam fazer alarde das suas *toilettes* e formulam ardentes votos por um veredicto implacavel.

Porque são tão crueis, tão perversas, tão cobardes? Porque a sua existencia é vazia. Porque, além da preocupação do enfeite, não teem mais cuidado algum. Vivem para tirar proveito e fazer mal. Possuidas pelo enfado, dissimulam garras dentro dos seus regalos caros. O ambiente em que vivem fez delas bonecas com alma de furias.

Chicote nessas megeras malfazejas. Uma vassourada na alta roda! E' uma vergonha que a multidão ande a trabalhar e a sofrer para manter essa lepra doirada!

Uma vassourada no Salão que, segundo o verso de Baudelaire, se pode comparar com:

Une oasis d'horreur dans un désert d'ennui.

Marcela Capy.

LAGRIMAS DE CROCODILO

Hoje como ha onze anos...

O sentimento de religiosidade, que caracteriza alguns povos, não existe no Brazil, tanto assim que um sacerdote catolico, o presbitero Mancio Philalethes, disse, num seu trabalho, que o brazileiro ilustrado é ateu.

A constatação é rigorosamente verdadeira. Em geral, no Brazil, as classes ilustradas são irreligiosas. E' muito raro ver-se, nas igrejas, um homem de verdadeiro merito intelectual, e os poucos homens ilustrados que as frequentam, ou fazem-no por hipocrisia ou porque a idade senil os tornou imbecis.

Entretanto, esses ateus, livres-pensadores e haeckelianos não são coerentes com os seus principios e entram nos templos catolicos, onde vão assistir missas de setimo e trigesimo dia, servir de paraninfos em casamentos e de padrinhos em batizados.

E porque essa gente é incoerente, a Republica leiga que eles fizeram e governam sofre da mesma doença, e nestes ultimos dias deu-nos um espectaculo edificante, cobrindo-se de luto pela morte do velho inutil que lá, do Vaticano, lançara anatemas sobre o pensamento emancipado.

O espectaculo que nós assistimos é desses que envergonham um povo. Bandeiras em funeral em todas as repartições, quando o povo se conservava absolutamente indiferente a essa morte de um septuagenario, em Roma, lá no imenso casarão do Vaticano.

Na camara estadual e no Senado, sem um protesto dos livres-pensadores que nessas casas teem assento, lança-se na acta votos de pesar pela morte de Pio X e suspende-se a sessão.

Associações, compostas de gente de todos os credos, lançam votos de pesar nas actas de suas sessões, e até as casas de tavolagem arvoram as suas bandeiras em funeral...

E muita gente fez isso mecanicamente, sem saber o que fez, por espirito de imitação, ou para vêr os seus nomes nos jornais.

Desgraçado paiz!

CARTAS AOS TRABALHADORES

II

Apareceu em dias da semana passada, profusamente espalhado por todos os bairros desta cidade e sobretudo naqueles de maior aglomeração operaria, um curioso e extranho boletim. Era endereçado aos trabalhadores de S. Paulo, e os seus sinatarios, embora ocultando cuidadosamente os nomes, declaravam-se, com arrogancia e decisão, «*operarios que não são anarquistas*».

E' este um documento interessante, que nós, embora supondo-o conhecido da maior parte dos que nos lêem, resumiremos em poucas e rapidas palavras para, aproveitando tão ambicionado ensejo, fazermos a seu respeito os comentarios que julgamos oportunos.

Esse boletim famoso, quanto aó seu contexto, de um rico sabor autoritario póde ser logicamente dividido em tres partes destintas, como os termos de um silogismo, mas como os termos de um silogismo, combinados e dependentes entre si. De outra maneira haveria erro de argumento, e nós temos enorme prazer em constatar que o boletim em questão não erra no seu argumento final. Ele se impõe clara e resolutamente a quem quer que o tenha lido.

A primeira parte — e esta gratamente a acatamos, porque largamente a merecemos — compreende o conjunto de tocantes amabilidades com que os sinatarios se dignam honrar os seus falsos amigos, os anarquistas, a quem os senhores «*operarios que o não são*» atribuem toda a sorte de intenções más, todos os tenebrosos designios que, inelutavelmente, conduzem a uma perdição irremediavel. São eles, os anarquistas, que na expressão amavel do aviso, querem explorar a boa-fé e o desespero dos trabalhadores, mandando-os lutar na praça publica, enquanto eles, comodamente instalados nas suas casas, entre cigarros e licores, redigem artigos e boletins contra os burguezes e o governo. (Esta palavra — governo — encontra-se no aviso com G maisculo).

A segunda parte, muito mais tranquilizadora, pois que é um incitamento á ordem, proclama num estilo veemente e audaz, entremeado de enternecidos lugares comuns, as virtudes incomparaveis do sentimento burguez, da justiça burgueza do estado burguez, de cuja infinita sabedoria e longanimidade infinita tudo devem e tudo teem a esperar as classes trabalhadoras, só momentaneamente atingidas por uma crise momentanea, e pela qual, de resto, não é responsavel nem o governo do estado nem a sua burguezia. E assim exclamam os sinatarios do aviso, os prudentes senhores "que não são operarios anarquistas": «*Que culpa tem o Estado de S. Paulo da crise presente?*»

Enfim a terceira e ultima parte, como conclusão que é das precedentes, é tambem das tres a menos apetitosa. Depois dos sinatarios nos denunciarem, advertida e paternalmente o inimigo — o anarquista, com o seu desrespeito á lei, á propriedade, aos poderes constituidos, e susceptivel, portanto, de nos arrastar a emprezas sanguinolentas contra a ordem existente — comprimem-nos entre os termos terriveis deste terrivel dilema: ou aceitais a esmola que o governo e a burguezia nos oferecem, no seu ilimitado amor por vós, pelas vossas mulheres e pelos vossos filhos, ou não a aceitais, e então, em tal caso preparai-vos para o massacre e para a prisão se a vossa rebeldia e essa coisa a que chamais dignidade se atreverem a vir á praça publica desassocegar o burguez pacifico e piedoso.

Nem mais nem menos, meus carissimos amigos. A isto se chama a força da logica e a energia do argumento. Argumento, como vêdes, simples, claro, decisivo e rutilante.

Parece-nos que é quanto basta. Diante desse breve resumo, sintese benevola de uma ideia claramente

expressa, não ha decerto, um unico trabalhador, por mais inacreditavelmente ingenuo, que, sem nenhum esforço de inteligencia, com a simples intuição do seu sofrimento, hesite em denunciar a si mesmo, ao seu raciocinio e os seu bom senso, a fonte de onde brotaram tão extranhas palavras, astuta e traiçoeiramente atribuidas a operarios não anarquistas. Sim, meus pobres amigos, os operarios ainda quando não sejam anarquistas — e nós sinceramente acreditamos que todos o são, embora em estado latente e de subconsciencia — não poderiam assumir nunca a responsabilidade de afirmações como as contidas no famigerado boletim — profundamente burguezas, caracteristicamente conservadoras e essencialmente autoritarias. Seria uma ignominia e seria uma traição, que operarios conscientes e honrados não cometem nunca contra pobres companheiros de infortunio, diante dos quais o que, habitualmente, fazem é esquecer os seus proprios interesses e até, quando preciso, as suas particulares convicções. E nisto nada ha de extraordinario. E' simplesmente o resultado logico desta coisa humana e logica: — o sentimento da solidariedade fortemente radicado na alma dos trabalhadores, sentimento que é hoje a sua força e será, amanhã, o seu triunfo.

Portanto, é claro que nada temos que ver com os honrados companheiros que não são anarquistas. A esses estimamo-los tanto ou mais que áqueles que o são, e isto por força desse elementar sentimento de justiça que nos leva a conceder, de preferencia, a nossa simpatia áqueles que mais dela necessitam — porque são esses certamente para nós os mais desgraçados.

E a nossa convicção, a este respeito, é de tal natureza e tão fortemente nos domina, que nos abstemos de analizar detalhadamente a substancia do aviso, significativo como sintoma do terror burguez, petulante e espalhafatoso como argumento e promessa. Pois é certo que se nos restara a mais ligeira duvida, daqui mesmo, destas colunas amigas, desafiariamos os autores do fantastico boletim a rasgarem leal e nobremente o véo que os encobre, mostrando-se-nos a toda a luz, para que a toda a luz examinassemos e discutissemos a oportunidade e consistencia de tão singular documento. Mas é obvio que tal maravilha não pode realizar-se, porque obvio é que quem o inspirou sabia porque o fazia, e fazendo-o não ignorava que devia permanecer oculto.

Mas acresce ainda que esta tatica é muito do nosso particular conhecimento. Trata-se de velhos processos — que por serem muito velhos, a muito poucos iludem — adotados por todas as policias de todas as cidades do mundo. Basta para isso que estejam em perigo a sua propria segurança e prestigio. Metem-se então na pele do lobo, para que outro lobo — o povo — passe e as respeite. Algumas vezes vão mais longe, e simulando confundir-se com o inimigo, com o seu interesse, as suas paixões, a sua justiça, associam-se a ele para a obra comum de destruição e vingança, e temos, então, em ponto grande e lá longe, a participação oficial da policia russa nos assassinatos do ministro do interior von Plehve, do gran-duque Sergio e do general Bagdanovich, como tatica para penetrar nos centros revolucionarios, e em proporções mais reduzidas, o assassinato nesta cidade de um policial praticado por agentes da policia e por esta atribuido a elementos igualmente revolucionarios, que a mesma policia, depois, inutilmente denunciou á justiça. Tudo isto seguido de infinitas provocações dirigidas contra o povo, como pretexto e justificativa a cometimentos maiores. Uma repartição de policia é assim um mixto de perfidia e impudor.

E' sob tão vantajoso aspecto que nós nos propomos recomenda-la á simpatia de todos os trabalhadores, quer sejam ou não anarquistas. Fica-se, desta forma, prevenido contra a surpreza que nos possam causar boletins da natureza daquele que foi objecto desta carta, mas principalmente contra as surprezas maiores que quasi sempre esses boletins prenunciam.

Alfredo Villa-Sêcca.

Anti-clericais !

Livre-pensadores !

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

MALES DA GUERRA

Sob o regimen da fome

A miseria é incalculavel e ameaça trazer graves consequencias, dizem os orgãos do bispado e do governo e um senador — Esteve imponente o comicio dos trabalhadores — A policia tinha terriveis intenções — Outras notas.

Cheios de pavor ante a atmosfera carregada que a todos preocupa, estão os orgãos das grandes empresas a atribuir aos propagandistas dos ideais avançados intenções mil, dizendo pretenderem eles, como terriveis revolucionarios, levar a massa a actos subversivos.

E seja, se assim a querem. Mas não somos nós sómente que afirmamos ser a situação gravissima, como gravissimas deverão ser as suas consequencias.

A esse respeito damos hoje a palara á *Gazeta do Povo*, orgão do bisapdo, ao *Correio Paulistano*, orgão do governo, e a um senador.

Comecemos por este artigo de fundo aparecido no numero de 27 do orgão clerical:

"Não é possivel com os meros recursos da imaginação, aliás quasi ilimitados, fazer-se uma ideia mais ou menos adequada da horrorosa miseria que vai assolando notavel parte de nossa população operaria. E' preciso ver para crer. Ruas inteiras, casa por casa, abrigam, se podemos usar o verbo, eufonico por demais em tal conjuntura, familias e mais familias que estão morrendo á mingua.

Um dos meus irmão de habito visitou ontem vinte e quatro familias encurraladas em alguns predios duma rua sita no Braz, cujo nome temos á disposição da autoridade competente.

Cada quarto serve de habitação a uma familia inteira, ás vezes composta de dez a doze membros.

Em aposentos sem outra luz do que a que pode penetrar pela porta, aberta num corredor estreito, sem outro ar do que pode vir deste mesmo corredor, onde se alinham, encostadas ás paredes, as latas forradas de barro que servem mais para destemperar a comida do que para prepara-la, o corredor estreito, enfumaçado, cheio de detritos, cheirando á cosinha e a bafios de gente mal lavada, serve de sala de jantar e vivenda para todas as familias aí residentes, recolhendo-se cada qual ao quarto familial (!) quando vem a hora do repouso. Estendem-se então aí numa promiscuidade indigna de seres humanos.

E pagam pelo aluguel do quarto escuro e nauseabundo de 25 a 30$ mensais!... O coração sangra ao ver os infelizes — que ás vezes se conhece pelos modos, pelos conceitos, por certa distincção do porte, estiveram em situação bem diferente — encerrados em posição peor do que os proprios animais domesticos.

Muitas senhoras, mães de familia, desatavam em choro ao ver aparecer o sacerdote e entre soluços lhe contavam a infinda desgraça, o marido ha semanas sem trabalho e incapaz de arranjar ocupação de qualquer natureza que fosse, as crianças esqualidas e esfomeadas, com os olhos encavados e brilhantes dos que passam fome: é que muitos não tinham tomado o menor alimento desde tres e quatro dias. O pai de familia, com as feições carregadas e os dentes cerrados pelo desespero, ás vezes declarava ao visitante: "Não quero esmola; antes morrer de fome com a mulher e os pequenos! Dêm-me trabalho, qualquer que seja, em que possa ganhar o pão para sustentar a familia até findar esta crise! Mais do que isto não quero!"

...Nada adianta fazer belos discursos sobre a caridade, ou o altruismo, como quizerem, extensos relatorios sobre os meios de acudir aos indigentes, constituir comissões e sub-comissões para a distribuição dos socorros, se entretanto inumeros necessitados passam fome. Porque o caso a que nos referimos não é unico.

Como esta rua ha muitas e muitas outras em nossa capital — ruas inteiras ha no Belemzinho, Barra Funda, Bom Retiro e em outros lugares, onde todas as familias, casa por casa, estão nas mesmas condições de imensas penuria.

A morte por inanição é iminente; cumpre acudir com urgencia!

Se um quarto rende ao senhorio 25, 30 e 35$, dando juros, quasi de 50 % ao ano, não seria caso das autoridades municipais intervirem para que cesse tanta extorsão aos proletarios, numa epoca de tamanhos flagelos!

...Não nos detenhamos, quais gregos sofistas, em estereis discussões e bisantinismos inuteis! O nosso operariado perece á mingua; carece acudir-lhe sem demora! Pão para bocas famintas é coisa que deve vir logo e logo sob pena de verdadeiras catastrofes originadas pela alucinação e desespero dos estomagos vasios."

⁂

Da gravidade da situação dos trabalhadores, falou acima o orgão clerical. Das consequencias fatais de um tal estado de coisas e muito principalmente dos sentimentos que levam os governantes e os argentarios em geral a se preocuparem da miseria do povo trabalhador, se encarrega o *Correio Paulistano*, orgão oficial do governo deste Estado, de nos dizer nos periodos seguintes, transcritos do seu numero de 15 do corrente, edição da noite:

«Todos os que possuem haveres devem, antes de tudo, ter em vista o perigo a que estão sujeitos, se não forem prontamente socorridos os inumeros operarios que lutam, na hora actual, com a falta de meios de subsistencia.

E, pois, se quizerem garantir os seus capitais deverão auxiliar fortemente a nobre iniciativa que a imprensa de S. Paulo, tomou a seu encargo.»

Querem maior franquesa? O que os move não é a dôr pelo alheio sofrer, não; o que os leva a agir é o medo de perder os seus haveres, os seus capitais, acumulados a custa da exploração do trabalho dos que hoje se encontram em condições miseraveis.

⁂

Ainda uma opinião insuspeitissima sobre a gravidade da situação dos operarios.

O *Diario Popular*, o grave e conservador vespertino, num artigo em que demonstra claramente o estado precarissimo dos trabalhadores, referindo-se a um discurso do senador Padua Sales, um dos mais achegados ao governo, diz:

«S. s. disse bem interpretar os sentimentos do Senado, lembrando providencias no sentido de acautelar quanto possivel a situação da população, *que é das mais angustiosas e prementes.*»

«... e isto no interesse de evitar grandes embaraços aos poderes publicos do nosso Estado, que amanhã se poderiam ver a braços não já com a questão do café, mas com uma questão social, em que se envolvessem o operarios, nesta situação inesperada, despedidos das fabricas e dispensados dos proprios trabalhos empreendidos pelo governo, talvez vejam escassear-lhes dentro em breve o necessario alimento e o necessario conforto dentro das suas casas.»

A situação é das mais angustiosas e prementes, que pode trazer uma questão social.

E' um senador situacionista que assim fala.

O comicio promovido pelo Comité Proletario de Defesa Popular e realizado na quarta-feira á noite no Salão Celso Garcia revestiu-se de uma rara imponencia.

A' hora marcada, 19, o vasto local da rua do Carmo estava repleto de trabalhadores, notando-se a representação numerosa do elemento feminino. Calculou-se ainda em outro tanto o numero de pessoas que não puderam entrar e que a policia não deixou estacionar.

Aberta a sessão por um membro do Comité, que espoz brevemente os seus fins, foi dada a palavra aos oradores das agremiações e periodicos a ele aderentes.

Falaram os representantes do Sindicato O. de O. Varios, do Centro Socialista Internacional, do Centro Libertario de S. Paulo, do C. de E. S. da Bela Vista, do Grupo Libertario da Moóca, da *Rebelião*, da *Lanterna* e o director da *Capital*.

Impede-nos a exiguidade do espaço resumirmos aqui o que disseram os oradores.

Constatando o horrivel estado de miseria da classe trabalhadora, foram todos concordes em evidenciar a odiosidade da iniciativa da jesuitada de batina e de casaca, que pretende iludir as vitimas da sua ganancia com a distribuição de esmolas, e demonstrar que somente os proprios prejudicados poderão minorar as suas tristes condições tomando pelo seu proprio esforço associado todas as regalias concedidas aos capitalistas pela moratoria.

Depois de falarem todos os oradores, foi lida a moção por nós publicala na semana passada e que foi aprovada pela aclamação da avultada assistencia.

Um incidente

Quando falava o representante da *Rebelião* e foi por ele feita uma referencia á conduta parcial de certa imprensa e a um — *não apoiado* anteriormente dado pelo director da *Capital*, quando um outro orador fizera igual censura, um assistente poz-se a gritar, aconselhando que se fizesse retirar da sala quem ele chamava de espiões dos capitalistas.

Provocou essa atitude um grande vozerio, que determinou a retirada dos assistentes que se achavam na porta de entrada do salão e não sabiam bem qual era o caracter do incidente.

Restabelecendo-se, porêm, logo a calma, proseguiu a reunião em perfeita ordem até o seu final.

Não houve, entretanto, o panico *irrefrenabile* de que fala ironicamente o representante do *Giornale degli Italiani*, que lá esteve e... observou muito mal.

A seguir, o representante do S. O. de O. Varios apresentou a moção seguinte, que teve a aprovação geral:

«Os trabalhadores de S. Paulo, reunidos em comicios no dia 26 de agosto, no Salão Celso Garcia, para tratar da sua situação em face da crise dominante,

Considerando que somente pela sua união num forte organismo de classe poderão com vantagem defender os seus interesses e conquistar os seus direitos,

Resolvem dar por organizada a União dos Proletarios de S. Paulo com o fim de agremiar toda a classe trabalhadora e cujas bases discutirão em outra reunião convocada para esse fim.»

O aparato e as intenções da policia

Por mais que nos esforçassemos não poderiamos dar uma ideia aproximada do aparato da policia ao redor do salão. Havia forças de cavalaria, de infantaria e da secretada por todos os cantos. No viaducto da rua 25 de março, na rua Santa Tereza, ao lado do salão, na esquina da Travessa da Sé e rua do Carmo, nas escadarias da 2.ª delegacia, na Central e não sabemos mais onde, estacionavam as forças, que obedeciam ao mando de um grupo de delegados.

Quanto ás intenções que animavam a policia deste civilizadisssmo estado, basta registar o que foi ouvido á porta do salão.

Num grupo de secretas:

— Suba lá e ponha-se a gritar para fazer barulho, que quando eles descerem nós meteremos o pau a vontade.

Recomendação do delegado Rudge Ramos ao proprietario do botequim visinho ao salão:

— Feche as portas, porque hoje nós vamos dar uma lição a essa canalha — e eu não me responsabiliso pelos estragos que a cavalaria fizer quando aí entrar. Hoje não teremos contemplação: apanham mesmo.

Digno de registo, como confirmação dessas humanitarias intenções.

Quando se deu o incidente de que falamos acima e algumas dezenas de pessoas sairam para a rua, o tal de Rudge Ramos fez um sinal do meio da rua. As forças cercaram todas as saidas e ele, de revolver em punho esbravejava, julgando chegado o momento da chacina.

Teve, porêm, de se contentar com levar, como trofeus, uns poucos de folhetos dos que foram distribidos no salão.

Entretano, os capitalistas realizaram socegadamante as suas reuniões.

E' que estamos na republica do povo e para o povo...

⁂

O *Fanfulla* quiz queam adurecessem bem as suas considerações sobre o comicio para lança-las a publico, pois somente ontem dele se ocupou.

Depois de afirmar que nele nada mais se fez senão propagar ideias, conclue dizendo que os operarios devem sujeitar-se pacientemente á miseria... para não esporem as suas cabeças ás espadas policiais...

E como soluciona o matutino italiano a situação?

Se não se recordam mais os seus redactores do que escreveram, recorram a sua coleção e verão que a miseria do povo está ali demonstrada, como constado o insucesso da subscrição promovida pela tal comissão de socorros e a impossibilidade se resolver o problema por esse meio.

Quanto á sua afirmação de que ha duas tendencias no seio das associações proletarias, dizemos sem temor de errar ser isso inexacto, pois a moção-manifesto que serve de base á agitação por elas iniciadas, foi aprovada unanimemente, depois de descutida, em uma assembleia dos seus representantes.

⁂

A' ultima hora, lemos o numero do *Giornale degli Italiani* de quinta-feira, que traz um longo comentario sobre o comicio.

O Correio nos entregou esse numero do vespertino italiano ontem á tarde, impossibilitando-nos por isso de fazer hoje os necessarios reparos a esses comentarios.

Entretanto, ha um ponto que exige uma imediata retificação.

Não é verdade que no comicio alguem tenha protestado contra a orientação do Comité Proletario de Defesa Popular.

A pessoa que, com os seus gritos, provocou o passageiro incidente, muito ao contrario do que pensa o redactor do *Giornale degli Italiani*, pedia que se puzesse fora da sala os representantes de certos jornais, que ele chamou de espiões.

Na assistencia notou-se antes o unanime acordo com o criterio da moção apresentada.

Da Porta da Europa

O APÓSTOLO DOS CAMPOS

LISBOA, 25 DE JULHO.

Há dias, tive pela primeira vez o prazer de conversar com um trabalhador rural, militante das ideias novas pelos campos do Alentejo. Contou-me alguns pedaços da sua vida e dos seus trabalhos.

A' primeira vista, é um camponês rude como os outros. Veste o traje caracteristico: calça apertada, jaqueta curta, carapuça (a carapuça é ainda muito usada no sul de Portugal). Mas ei-lo que fala. Dentro daquele envoltório tôsco, há um espírito polido — polido nas serras e campinas, longe dos grandes centros, em contacto com gente inculta! A sua linguagem é fácil, animada, colorida, não despida de correcção, nem, contudo, do pitoresco campestre.

Como estamos na sede da «Juventude Sindicalista», logo se formam em volta de nós — em volta dele, — com alguns veteranos da propaganda, fileiras dobradas de moços, figuras finas de lisboetas, silenciosos, atentos, admirados. Escuta-se. Trocam-se olhares e sorrisos comovidos.

O nosso campesino, quando rapaz, era um valente para a viola e para a cantiga ao desafio. Ninguêm o desbancava a improvisar versos, a acudir aos motes com glosas prontas e felizes. Depois veio aquilo das ideias... aquela nobre paixão pela propaganda... aquele labutar constante pela emancipação dos seus irmãos de penas e fadigas... Adeus, viola! adeus, fado! adeus, «triste canção do sul!»

Entretanto, ainda há pouco o nosso poeta rural glosou com quatro décimas um mote anticapitalista, para exprimir as suas esperanças de libertação comum e chamar à revolta os rudes companheiros... E quem dera a muitos vates literários o estro e a espontaneidade daqueles versos que êle, muito instado, acabou por nos recitar!

O que tem sido a sua vida desde que foi tocado pelo ardor proselítico! Não deixa escapar um ensejo. Durante o trabalho ou as refeições, à hora da sesta ou do recolher, nos pontos de reunião ou pelas estradas poeirentas, o nosso pertinaz semeador de ideias fala à mente e ao coração dos campónios, lê-lhes brochuras e jornais, insufla-lhes esperanças e ousadias, rasga-lhes diante da vista novos e amplos horizontes. Sob o sol calcinante, ao ritmo das foices, diz aos camaradas, curvados sôbre o duro labor, de que mentiras e injustiças êles são vítimas, de que fôrça êles podem dispor, como poderão emancipar-se, que futuro podem desde já entrever... O sol ardente brilha e a cadência das foices acompanha o sussurro das suas ardentes palavras...

Depois, os semeadores do pão acabam por compreender o seu irmão, semeador de ideias. Funda-se uma associação; e o nosso evangelizador dá o exemplo da actividade, da dedicação e da coragem. E' êle o secretário do sindicato, é êle que formula e apresenta as reclamações colectivas, é êle que afronta as iras patronais, os anátemas do padre, as raivas e insídias dos políticos, as perseguições da autoridade.

E o que são no campo essas iras, ódios e despeitos! Na cidade, os que lutam sentem-se amparados, defendidos, animados por uma multidão simpática, por uma opinião esclarecida; o destaque individual não é tam violento como nas pequenas localidades da provincia — onde é preciso enfrentar directamente o inimigo, como se enfrenta o toiro nas lezírias... O «elemento perigoso» é rápidamente conhecido e atacado... O nosso apóstolo rural refere-nos o caso recente de duas ou três mulheres do campo processadas por terem, a exemplo dele, cantado em versos ingénuos, depois publicados, a necessidade da revolta contra a prepotência e a exploração!

Chega, pois, o momento em que o propagandista aldeão se vê forçado, se não está na cadeia, a levantar a sua pobre tenda, indo «prègar a outra freguesia»... Ninguem lhe dá trabalho, fez-se-lhe o cêrco da fome. Deixando a boa semente a germinal atrás de si, vai recomeçar a sua tarefa noutra parte; as perseguições são como os ventos: espalham largamente os germes, a tôda a roda.

As vezes, tem de ir para bem longe, na busca afanosa e humilhante do ganha pão, com a família atrás, alforje às costas, por atalhos e caminhos, através de montes e charnecas. Passam-se privações, de quando em quando dorme-se ao relento...

E o nosso bravo militante diz isto com um sorriso animado, os olhos fuzilando de inteligência.

Em tôrno, ninguêm diz uma palavra. Não é preciso. Todos sabem com certeza o que pensa cada um. Todos fazem o confronto dos seus esforços com os daquele rural, que ali está, mais uma vez fugindo à miséria, com a intenção de procurar trabalho, da outra banda do Tejo, na descarga das barcas... Todos tiram estímulo daquele exemplo.

Pois foi êste homem que quis conhecer-me, simplesmente porque eu rabisquei duas mal amanhadas linhas dirigidas aos camponeses, as «Geórgicas»! Simplesmente porque eu buscara traduzir numa linguagem incerta de citadino as aspirações profundas do produtor primeiro! Mas, afinal, foi êle, o bom apóstolo dos campos, que veio entoar-me as Geórgicas mais enternecedoras, e fui eu quem as ouviu silencioso e recolhido.

Neno Vasco.

NA ESCOLA MODERNA N. 2

A Paz Universal — Na séde desta escola, á rua Saldanha Marinho, 66, no Belemzinho, realiza-se amanhã, domingo, ás 14 horas (2 da tarde), uma sessão escolar, na qual, além do programa habitual, o seu professor, o companheiro João Penteado, fará uma conferencio sobre o tema: *A Paz Universal.*

Para assisti-la são convidadas as familias dos alunos e todas pessoas que se interessam pelo desenvolvimento da obra da Escola Moderna.

Ecos & Notas

QUE HONRA!

A Pauliceia, a terra gloriosa dos bandeirantes audazes, teve, em dias do corrente e historico mez, a suprema honra de hospedar o embaixador do Vaticano junto á Republica leiga dos Brasis.

Vimo-lo passear o seu avantajado vulto, coberto com suas vistosas vestes sacras de purpura berrante, pelo triangulo central, seguido pelos lanceiros policiais.

Vimo-lo tambem descer as escadarias do presidencial palacio por entre as curvaturas dos governantes e passar depois através das fileiras militares, perfiladas em continencia e ao som da musica, das caixas e dos cornetas.

O mais adiantado departamento desta confederação republicana orgulhava-se de hospedar o representante do Vaticano, prestando-lhe todas as homenagens do Estado leigo.

Tanto melhor, o povo verá assim a intima ligação existente entre os seus inimigos.

Na rua 15, ouvimos de alguem, quando passava o aparatoso prestito, uma frase que vem a calhar. Fechamos com ela esta nota:

— Como está ficando isto!

A GUERRA...

Diz um telegrama de Paris que o *Journal Officiel* publicou o decreto governamental suspendendo temporariamente a lei relativa ao fechamento e dissolução das congregações religiosas.

E' como temos dito e está fartamente provado: a guerra põe em perigo todas as conquistas do espirito liberal.

E assim vemos, por efeito da guerra, suspensa a execução da lei que pôs um freio á cupidez da clericanalha.

O despacho diz que o decreto tem efeito temporario, mas duvidamos que assim aconteça por vontade dos dominadores, ultimamente, em mal disfarçado conubio com a gente da Igreja, como por varias vezes tivemos ocasião de evidenciar.

Anima-nos, porêm, a firme convicção de que será o povo quem dirá a ultima palavra neste momento tristissimo da historia.

Então veremos para que valerão os decretos da burguesia mais ou menos republicana, mais ou menos jesuita.

As leis só teem um efeito positivo quando sintetizam o querer popular.

E nesse caso não ha decretos capazes de as anular.

O DEDO DE DEUS...

Em Hainaut, no pequenino paiz agora ferozmente atingido pela mania imperialista do fanfarronico kaiser, queimou-se a igreja de Saint Antoine de la Louviére, na ocasião em que se celebrava uma missa para pedir a Deus o restabelecimento da paz.

Segundo a laconica noticia telegrafica, no sinistro pereceram quatorze pessoas e ficaram feridas cincoenta.

Baralham-se-nos as ideias ao termos de lançar para aqui os nossos comentarios sobre este facto.

Certamente. Se a igreja é a casa de Deus e nada se faz sem a sua vontade, como diabo foi ela devorada pelo fogo justamente quando lá se encontravam em santa compunção os seus fieis?

E se os pobres crentes foram queimados justamente quando oravam para que a paz voltasse a reinar, é porque o Criador de Poincaré, de Francisco José e do czar evidentemente deseja a guerra.

Pois não lhes parece? Ou então a logica vale tanto como a infalibilidade papal.



NATURALMENTE!

O *Osservatore Romano*, orgão oficioso do Vaticano, refere que a guerra deu lugar a imponentes manifestações de simpatia entre religiosos e militares, tanto na França como na Alemanha.

E que ha de extraordinario nisso?

Juntai-lhes o terceiro elemento indispensavel — o argentario — e tereis a trindade completa que arrastou a humanidade á actual hecatombe guerreira.

Essas tres classes vivem umas para as outras. Não vimos ainda agora ser suspensa em França a lei contra as congregações religiosas?

Deus os fez e o Diabo os ajuntou...



NOTA ALHEIA

Na alta roda clerical:

— Mas então, baronesa, jámais quererá ser minha?

— Olhe: defenda na Camara o divorcio, e substituirá meu marido.

— Infelizmente, os meus principios religiosos impedir-me-iam de aproveitar uma lei tão imoral!



VIDA OPERARIA

EM SANTOS

Operarios libertados — Os leitores devem estar lembrados das noticias que publicámos sobre a violencia cometida com os operarios Adolfo Anta e Manuel Perdigão, preso este ha alguns meses a espera de processo devido ao caso das obras do Palque Balneario, e condenado aquele a 24 anos de prisão no primeiro julgamento, por ter, em legitima defesa, atirado em um capanga dos argentarios santistas.

Hoje temos a satisfação de comunicar aos nossos amigos que esses dois companheiros, tendo entrado em julgamento na semana passada, foram ambos absolvidos.

Folgamos em registar esse acto de justiça.

"A LANTERNA" EM BOCAINA

Recebemos desta cidade a carta seguinte:

« Sr. Redactor:

Peço-lhe agasalho para estas linhas nas colunas de seu apreciado jornal a *Lanterna*, cuja luz se difunde por toda a parte alimentando as esperanças de todas as pessoas que teem ansia de se encaminhar na senda do progresso, do amor e da justiça.

Não sou jornalista, mas como livre-pensador me sinto com força para lançar mão da pena e protestar contra a vasta especulação clerical que aqui se vai desenvolvendo diariamente. E' o cumulo da pouca vergonha. A posse desta paroquia, que é uma mina, está sendo motivo de vergonhosa disputa da parte dos sotainas que se apresentam candidatos para o cargo de vigario da mesma. Depois da retirada do padre Mariano Curia para a Europa, para aqui tem vindo uma chusma de padres de todas os naipes, atraidos todos pelo interesse da posse desta rendosissima paroquia. E cada um dos tais faz o possivel para se apossar da presa, empregando nesse sentido todos os meios.

São finorios, os tratantes. Procuram, por isso, captar as simpatias dos graudos, dos mandões cá da terra, que são muito carolas, praticando actos de exagerada religiosidade que se traduzem em missas e mais missas, ladainhas, entontecendo á gente com um desordenado badalar de sinos. O que estamos vendo é o desenvolvimento do fanatismo. Os padres trabalham para isso. Assim vemos pobres e inocentes crianças, por ignorancia de seus pais, atraidas para perto de tais hipocritas, que a pretexto de lhes ensinarem o caminho do ceu, bestificam-nas com suas absurdas doutrinas e as apavoram com as penas do inferno.

⁂

Não ha muito este povo foi despertado pela *grata* noticia de que o arcebispo de S. Carlos tinha que passar por esta cidade, em trem especial, e dar da estação, a benção a este obsequioso povo de S. João da Bocaina.

A noticia causou alvoroço entre os catolicos e a camara municipal tomou parte na manifestação, mandando á estação, para salientar a festa, a sua banda de musica. Alem de tudo, deu concessão para que se soltassem foguetes, que a lei proibe de soltar, sob pena de multa de 50$, a qualquer laborioso cidadão.

Na estação, houve quem beijasse o anel do bispo e ficasse por isso satisfeito. E dentre as pessoas que isso fizeram, a muitas conheço eu que se não compadecem da sorte das vitimas da organização social actual e, quando estas lhes estendem suplicantes a mão — não são atendidas com boa vontade nem recebem mais do que um magro e miseravel tostão, (e isto mesmo para se verem livres da importunação).

E são estes tais que fazem alarde de seus fanfarroneiros sentimentos caridosos doando largas somas em favor das instituições pias, apenas porque, assim, com isso, seus nomes ficam gravados no livro dos registos de donativos com letras de ouro para a posteridade os louvar.

Hipocritas, sandeus!

Bocaina, 20—7—914.

Laterbo.



SOBRE A MORTE DE PIO XIS

Profecia...

O *Estado* é profeta. Sim, senhores, o orgão dos factos consumados é dotado do dom da profecia.

Quando foi do ultimo consistorio realizado para preencher os claros nas fileiras cardinalicias, o grave matutino disse que ele seria o ultimo no tempo de Pio Xis.

Tal não tivesse dito, pois a serafica *Gazeta do Povo* encheu-se de brios e protestou contra a agourenta afirmação.

Passaram-se alguns dias e os fios nos trouxeram a noticia de que S. S. Infalivel havia esticado o pernil.

Calcule-se, pois, com que caras não terão ficado o padre Barradas e o seu colega conego, o elegante Manfredo, ao verem confirmada a profecia feita pelo cotidiano da praça Antonio Prado de que o gotoso e catarrento velho do Vaticano não assistiria a outro consistorio...

⁂

Morreu de angustia...

Dizem os hipocritas panigiristas do velho parasita falecido na semana passada no Vaticano, que a sua morte foi determinada pela dor imensa por ele recebida com a noticia da guerra europeia.

Os grandes tartufos! Pois se ainda no dia 11 os telegramas disseram que o papa, depois de ouvir a leitura dos jornais, recomendou aos seus familiares que orassem pela boa sorte das forças da carolissima casa dos Habsburgos.

Oremos ao deus dos exercitos para que desta guerra saiam vencedoras aquelas nações cuja dedicação pela Igreja seja provada, disse o orgão catolico aqui publicado — e essa era e é o desejo ardente de todos os adetos do Vaticano, desde o papa até o ultimo dos sacristaes.

Secção amena

Um catalogo francez de morangueiros indica minuciosamente as diversas selecções de morangos e refere as suas origens e cruzamentos.

Entre as qualidade mais caras, figura o morango Brillat-Savarin, «saido de Joana d'Arc e de Santo Antonio de Padua».

O cruzamento de dois santos — do casamenteiro portuguez com a valente Pucelle *francesa — não é, afinal, para estranhar, embora a noiva nisso perca o seu titulo de* Pucelle...

O verdadeiro milagre está no saboroso fruto... *dessa linda união!*

— Em caso de perigo, reverendo, as orações de pouco valem: o que é necessario sobretudo é presença de espirito.

— Perdão, eu ainda sou mais materialista: o que é necessario sobretudo é ausencia de corpo.

Uma beata a um medico clerical:

— O doutor tem já mais de noventa anos e ainda tem assim tanto apego a esta vida, parecendo não ter pressa de gozar a bem-aventurança?

— E' que eu, minha senhora, já tenho mais inimigos no outro mundo do que neste...

A "Lanterna" em Mocóca

Recebemos a seguinte carta, que transmitimos aos nossos leitores:

«Caro sr. redactor:

Se não fossem os meus muitos afazeres, já lhe teria escrito transmitindo-lhe alguns trechos de uma conferencia que o ministro protestante sr. Ferraz aqui realizou. Motivos varios fizeram com que só hoje algo da mesma lhe possa dizer.

E como lhe falei em motivos, preciso dizer-lhe de quais se trata. Eu sou quasi privado de qualquer preparo, e competencia para escrever para jornais, tambem não possuo nenhuma. Por isso tenho vacilado em lhe escrever. Mas como achei que algumas das frases proferidas pelo ministro mereceriam ser divulgadas pelo seu popular jornal, enchi-me de coragem, peguei na pena, fumei um cigarro e esperei um momento pelas frases que me deviam saltar da mesma como cachões de agua a ferver...

Mas deixemos de divagações, ponhamos a incapacidade de parte e tratemos do assunto grave que me levou a escrever esta mal alinhavada carta.

O sr. Ferraz, ministro protestante, achando-se aqui de passagem, resolveu realizar uma conferencia publica sobre a guerra. Mandou distribuir boletins anunciando a mesma e á hora marcada, no vasto salão da Sociedade Italiana se achavam varios credres de diversas seitas religiosas, inclusive eu, que não pertenço a credo ou seita alguma.

Mas:

Encaremos as questões
Com toda a severidade,
Pois que domina a impiedade
Nos humanos corações...

Sim, o poeta diz bem: encaremos a questão.

O orador Ferraz levanta-se, abre um pequeno livro e pede que se entôe um cantico indicado por ele. Começa a cantarola, que se prolonga por alguns minutos. Terminada esta primeira parte, entra-se na segunda: profecias de Malaquias, João, Lucas, David, Abrahão, e de muitos outros. Esses profetas, segundo está escrito no enorme livro que o orador tinha diante de si, haviam profetisado a conflagração europeia e outras calamidades. Passa a le-las e os crentes ficam convencidos da realidade das mesmas, pois que contra os factos não ha argumentos...

Entretanto, na terceira e ultima parte... O conferencista põe os livros de lado, tira os oculos e ei-lo falando calmamente. Começa dizendo que está sob a inspiração divina e que a guerra é um castigo de Deus contra a heresia. Aqueles que teem negado a sua existencia hão-de ficar agora convencidos do seu erro, pois que a guerra é uma prova elequente da sua existencia. Todos os reinados, exclama o orador, vão desaparecer com a guerra, e depois surgirá o reinado de Israel — inspirado nas verdadeiras doutrinas cristãs. Quando o mesmo estiver estabelecido, Cristo voltará ao mundo e queimará algum hereje que ainda reste.

Eis aí, sr. redactor, algumas das frases do orador protestante sr. Ferraz, que me fizeram pensar no futuro negro que nos aguarda...

Satanaz.

AOS ASSINANTES DO RIO

Aos nossos assinantes do Rio onde a cobrança é muito dificil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na séde da Liga Anticlerical, á rua do Areal, 38, onde todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiniano de Macedo.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro 51.

FOLHETIM DA LANTERNA (83)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para "A Lanterna"

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XV

Batalha e idilio

— Senhora, defender uma mulher é o dever de qualquer cavaleiro, de qualquer homem de coração. Mas por vós, D. Maria, morreria eu contente!

Os seus olhares encontram-se: Maria sente que Padilla falou com toda a sua alma, que ele é inteiramente dela, e, ebria de ventura, não baixa o olhar: deixa na dele a sua mão, que ele preme brandamente. E' uma mutua confissão de amor que se troca assim, e durante algum tempo, manteem-se calados, comungando pelo pensamento sem precisão de palavras — e acha-las-iam eles? — para exprimir o que sentem os seus corações.

Padilla é quem primeiro volta á realidade brutal da situação.

— Não estais ferida, D. Maria? pergunta ele com voz alterada.

— Não, senhor Padilla: protegeu-me o céu, enviando-vos a tempo.

— E conheceis esse miseravel que ousou...?

— De nenhum modo.

— Cavalga e combate como um fidalgo, mas porta-se como um vil salteador. Marquei-o na fronte: tenho que o encontrar.

— Senhor Padilla, não exponhais a vida por mim.. que nada vos sou.

Porque pronunciou estas ultimas palavras a donzela, que não tem duvidas sobre o amor do belo cavaleiro? Será para o experimentar?

Padilla recebe um choque em todo o seu ser e responde tumultuariamente:

— Que nada me sois, altos céus!... Maria: é possivel que não leiais em mim?

Desta vez, Maria cora, mas sem baixar hipocritamente os olhos, detendo pelo contrario o seu olhar franco sobre quem assim lhe fala; e com voz firme, na qual todavia transpareco o seu alvorôço, diz-lhe:

— Senhor Padilla, graves são as palavras que proferis; mas é bem a mim que elas devem ser primeiramente dirigidas?

O mancebo compreende a velada censura e responde:

— Senhora minha, em meu coração vos deixei ler.. Amo-vos, D. Maria, e amo-vos desde o primeiro dia em que vos vi. Em vós adivinho a coragem altiva, o mais nobre espirito, o mais generoso coração... Contudo, varios motivos me teem coibido de declarar este amor ao marquez de Mondejar, vosso pai.

— Quais motivos? pergunta Maria admirada.

— Em primeiro lugar, detesto os casamentos para os quais não é consultado o coração. Pois que! não é porventura monstruoso ligar por toda a vida dois seres sem que haja amor ou sem que o amor seja compartilhado?

— Duvidaveis dos meus sentimentos?

— Não, replica Padilla; eu adivinhava-os: os nossos corações são feitos para se entenderem. Mas eu queria obter da vossa boca a confirmação deles.

— Pois bem: tendes agora essa confirmação.

— Não basta, e o que vou ter que vos dizer é mais grave: D. Maria, não me pertence talvez esta vida que eu desejaria poder consagrar-vos.

Maria faz um gesto de subito espanto. Padilla prossegue:

— Amo-vos com todo o meu ser e todavia outra divindade existe — meu Deus e vós, Maria, perdoai-me estes dizeres! — á qual ergui um templo no meu peito. Essa divindade, radiosa consoladora dos seres humanos, é a liberdade!

A donzela olha fixamente para Padilla, que suspira e continua:

— Que é a liberdade? Quimera? Realidade? Ou coisa impalpavel, intangivel, que não existe ainda e que está destinada a existir um dia? Não sei. Mas essa radiosa desconhecida atrai-me. Sinto que os homens, dotados de alma imortal, reflexo do Ente eterno, já não podem crer sem pensar, curvar-se, obedecer, fazer deste mundo para a maior parte dos seres humanos nossos irmãos um inferno de opressão, de desigualdade e de miseria afim de ganhar o céu depois da morte. Caminhamos para coisas formidaveis, choques, convulsões, batalhas que refarão o mundo e, impelido por uma fôrça misteriosa que em mim sinto, estou pronto a lançar-me no mais aceso da peleja. Que resultará daí para mim? Talvez a gloria do triunfo, talvez a derrota e a morte. Terei o direito de arrastar a tais provas aquela que amo?

Maria ouviu-o falar sem o interromper, com uma especie de arrebatamento mistico feito de jubilo e de entusiasmo. Com os olhos iluminados, a voz grave e vibrante, disse-lhe ela:

— Senhor Padilla, tenho esses mesmos sentimentos e essas mesmas ideias! Creio tambem na possibilidade da justiça neste baixo mundo, na liberdade para todos, mesmo para a mulher, até hoje criatura escrava e sem ideias. Creio tambem que a vossa coragem pode realizar grandes coisas e se vos não é indiferente terdes a vosso lado uma amiga fiel, uma irmã de armas, por feliz me darei ocupando esse lugar.

Estende as mãos a Padilla que as beija com transporte e que ousa mesmo, inebriado, apertar a jovem nos braços, roçando-lhe a fronte com os labios. Por um momento, ficaram assim enlaçados, sentindo os seus dois corações baterem um contra o outro, como num só peito. Por fim, unem-se os seus labios num beijo de fogo.

Esquecer-se-iam assim do mundo, mas uma especie de riso estranho e prolongado os faz sobressaltarem-se, arrancando-os ao seu extase. Palidos pelo que fizeram, eles que no entanto corajosamente desafiariam o mundo, arrancam-se aos braços um do outro e olham em volta de si. Instintivamente, Padilla levou a mão á espada, pensando que o inimigo veio de novo surpreende-lo.

O prodigio que a principio os assombra, depois faz com que suceda á sua comoção uma branda hilariedade: não é um homem á espreita que assim ri — é muito simplesmente o cavalo de Padilla que relincha!

Na sua ainda subsistente fé no sobre-natural, fé propria da sua época, não estão longe de ver naquilo um aviso enviado pelo céu. O profeta Balaão não se viu outrora repreendido pela sua burra?

— Amanhã mesmo, disse gravemente Padilla, terá meu pai a honra de ir falar em meu nome ao senhor marquez de Mondejar.

CAPITULO XVI

Consequencias dum sonho

Como tinha sobrevindo o jovem cavaleiro toledano tão a proposito para salvar Maria Pacheco!

Em consequencia dum facto que teria parecido milagroso aos candidos crentes daquele tempo, inclinados a ver por toda a parte o dedo da Providencia.

A Gizarra, como numerosas ledoras de signa, acreditava na possibilidade de predizer o futuro, não só pela analise das linhas da mão, mas tambem pelos sonhos. Entrevia, de maneira muito confusa, é certo, a realidade de fenomenos que se ousa hoje mais ou menos admitir com o nome de hipnotismo, telepatia e comunicação do pensamento, essa telegrafia sem fio do cerebro, que projecta no espaço os seus efluvios magneticos analogos ás ondas hertzianas.

Ora a Gizarra tivera um sonho tão alarmante que não pudera deixar de o comunicar a Padilla. Na noite anterior ao assalto da pequena caravana pela quadrilha de Crotella, vira ela em sonhos Maria Pacheco ameaçada por homens mascarados e chamando por socorro com voz tão pungente que... a dormento acordara. E, ao acordar, ouvira um profundo suspiro. Este suspiro, soltara-o ela propria, mas tão inconscientemente que nem dera por isso.

(Continúa).

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Pedro Gori, 1$000 reis.
» de Caetono Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Forrer, a 1$000 reis.

EM PORTUGUÊS

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros .... 1$200
Cantos Sociais (diversos autores) $200
Almanaque de *A Aurora* para 1913 .... 1$000
Almanaque de *O Livre Pensador* .... 1$000
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno* $200
Pedro de Mello, *Sonho dantesco* $200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas* $200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja* $200
Ex padre Guilherme Dias, *O que é o celibato* $200
Nathanael Pereira, *A educação religiosa* $200
Eugéne Pelletan, *A Inquisição* $200
Dr. N. Rouby, *O Sagrado coração de Jesus* $200
Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, *O Celibato* .... 1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa* .... 2$500
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista* .... 1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista* .... 1$500
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres* ... $200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado* $300
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu* $200
José Rizal, *Noli me tangere* ... $600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario* $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . . . . 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . 2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr* $200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno* . . . . . . 2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)* . . . . 2$000
Pedro Kropótkine, *Os Bastidores das guerras*. $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico*. $200
Neno Vasco, *Giórgicas* (ao trabalhador rural) $100
Errico Malatesta, *Entre camponeses* $200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro* .... 2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes) 1$500

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . . 1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* . . $200
Antonio Labriola, *Del Socialismo* $400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico* $400
Um laico, *La politica eclesiastica in Italia* $300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo* $200
P. Guarino, *Sole a Scacchi* $400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale* $300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura* $400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici* $200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo* $200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci* $200
F. Niccolini, *Il pane gratuito* $200
Guido Podreca *Il divorzio* .. $200
Maximo Gorki, *Interviste* $600
» » *Il compagno* $200
» » *L'uomo* $200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria* $200
» » *I prodotti della terra* $200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane* $200
Paul Lafargue, *Il diritto all'ozio* .. $200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool* $200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista* $200
Oreste Ristori, *Polemiche sull'Anarchia* ... $300
» » *Operai, non bevete!* $100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura* $200
Leone Tolstoi, *Contra la guerra russo-giapponese* $300
E. De Amicis, *Il socialismo e L'eguaglianza* $100
» » *Consigli e moniti* $100
E. Vandervelde, *Le cittá Piovre* $200
C. Andrea, *Un Sogno* $100
» » *Il socialismo* $100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo* $300
» » *Lo Sciopero* ... $100
E. Ciacchi, *Ai contadini* $100
» » *Le nostre Leghe* $100
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti* $100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale* $200
G. Renard, *Agli Studenti* ... $100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale* $300
A. Valente, *Conferenze socialiste* $300
A, G. Paoloni, *Primo Maggio* $100

B. Carlantonio, *Le Istituzioni e la Morale* $100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare* (discorsi) $300
» » *Per la riduzione delle spese militari*. $300
Resoconto del *1.º Congresso dei lavoratori della terra* .. $200

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gica $800
La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camaña $400

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Çorreio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
Sonetos Piadosos, por varios.

EM FRANCÊS

JeanGrave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére* . , ... $100
Pedro Kropotkine, *L'Esprit de Révolte* . $200

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O esto é desconhecido para os nossos eitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Müller, 74, a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.
A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitattvos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.
Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.
O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.
O director,

Prof. João Penteado.

A APARECER BREVEMENTE

"NOVOS HORIZONTES"

Revista quinzenal de sociologia, arte, sciencia, literatura e critica

PAGINAS ICONOCLASTAS DE LIVRE EXAME, DE GUERRA ABERTA E IRREVERENTE AO DOGMA, Á ROTINA, AOS PRECONCEITOS E Á TRADIÇÃO

Colaboração revolucionaria — Caricaturas demolidoras

NUMERO AVULSO 200 RÉIS

Correspondencia a *Nilo Ferreira*, Rua dos Andradas, 87, Rio de Janeiro

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1$500 a duzia.
Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do país)

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar 200
10 exemplares .... 1$500
50 » .... 6$000
100 » .... 10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livres do porte do Correio
500 exemplares .... 60$000
300 » » .... 42$000
100 » » .... 1[illegible]$000
50 » » .... [illegible]$000
Avulso 100

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;
Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;
Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;
Em Bage — Amantino O. Santos
Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).
Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:
100 . . . . 12$000
50 . . . . 6$500
25 . . . . 3$500
1 . . . . $200

Na redacção:
100 . . . . 10$500
50 . . . . 5$500
25 . . . . 3$000
1 . . . . $200

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.
Um volume de 112 paginas, 1$500. Pelo correio 1$700.

Coleções completas da "Lanterna"

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna *adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.*
Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonada.
Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivas importancias.

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario.

Um ano . . . . . . 8 francos
Meio ano . . . . . . 4 »
3 mezes . . . . . . 2 »